

Manfredo a ingénuo

NOVELA de AFONSO RIBEIRO

Chamava-se Manfredo, era um simples—e morava com os pais num dos bairros novos da cidade, em casa de azulejos verdes e miniatura de jardim, em tórno. Mesmo em frente havia outra casa revestida de azulejos também, mas éstes duma cor de vinho espesso. Habitava-a um tal Pimenta, senhor de um nariz extraordinário e de uma bigodeira abundantíssima, revirada nas pontas, que mexia com os nervos da mãe e éle admirava imenso, todo ruído de uma grande jiveja silenciosa: o buço que possuía, ralo e quasi branco, provocava o riso dos colegas e o desdem das raparigas.

Mais que a mata pelifera-labial do vizinho tinha em aprêço, tocávila, o cabelo negro da filha d'ele: senhorita sobre o alto, enxuta de carnes e cinta assaz delicada. Que lhe mingavam requisitos para sem lisonja se poder tratar de bela, é incontestável. A boca pelo menos carecia de segurança no desenho; e aos olhos, conquanto rasgados e húmidos, escasseava profundidade. Os seios de resto eram por demais maneirinhos, a face sem tonalidades, o queixo bastante vulgar. Elle, contudo, achava-a magnífica. O seu nome era Dora—quatro letras que pronunciadas se transformavam em quatro fontes a jorrarem-lhe no intimo inefáveis doçuras—e costumava pelas tardes suaves, quando o sol já não batia de chapa nas janelas, debruçar-se do peitoril sobre uma almofada de veludo lilás.

Nesses momentos deleitava-se Manfredo na sensação de que o céu descia, ia descendo vertiginosamente até posar na rua, pois a volta d'ele só via azul, oiro e luz, muita luz. Sem fazer um gesto, por detrás da cortina—os seus dezoito anos eram de uma timidez angustiosa—levava horas a contemplá-la. E não lhe perdia um movimento. Viu-a, assim, palitar os dentes com a unha muito lustrosa; meter a mão pela abertura do vestido e coçar as costas, delicada; rir-se de uma amiga que segundos antes cumprimentara num baixar de cabeça todo sorridente; e uma vez, só uma, ao fundo do quarto, vira-lhe também subir a meia que usava presa à liga, bom palmo acima do joelho. Nessa noite dormiu mal. E pela manhã tinha assente compor um soneto que abrisse por este verso risonho:

Vi, ó meu doce Amor, a tua liga...

Depois, pelo dia fora, reconsiderou que tal assunto, muito embora tratado com intenções puras em versos castos, era sumamente afrontoso à sua pudicícia. E desistiu.

Frequentava então Manfredo o quinto ano dos liceus e, como estava em riscos de o perder, passou a ir estudar o seu latim, à noite, na companhia do Fizinho, o urso—um rapaz sério, de pele muito macia e muito branca. Durante uma semana heroicamente resistiu à tentação de confiar à alma amiga o amor que abrasava a sua. Receava escandalizá-lo, sobretudo temia um dos seus olhares tão calmos e ao mesmo tempo tão severos. Aquele affecto, porém, medrando em silêncio no seu peito, asfixiava-o. Um dia não se conteve.

—Fizinho, tenho uma coisa a contar-te...

Sem erguer os olhos do livro, o urso respondeu:

—Conta lá. Mas não demores.

Esta secura estriou-lhe o entusiasmo. E uma súbita vontade de chorar o assaltou. Afinal pôs-se a morder as unhas e não disse nada.

//

Precisamente nessa altura o Salma, o Artur Salma, passou a ir também a casa do Fizinho estudar de parceria com ambos o latim e a história universal.

O Salma era um rapaz espigadote, quasi um homem. Sardento, nariz longo e grosso, mais escaurinho que os judeus que crucificaram Jesus, Manfredo não gostava d'ele. Como no entanto gozava fama de valentão e grande jogador de cartas, nutria pela sua figura neles uma certa admiração não isenta de receio. E com os outros dava-se o mesmo.

Na primeira noite que appareceu no quarto do urso perguntou logo à entrada se tinham *cheipa*—e sem esperar resposta ripou do baralho, querendo à fina força jogar o sete-e-melo. Mas o Fizinho varou-o com um dos seus olhares frios e éle abriu os livros, pondo-se a estudar com pouca vontade. Estava sempre a abrir a boca, dir-se-lhe que com sono. Ao fim de uma hora, às vezes menos, despedia-se. Lembrando-se da reprovação em perspectiva, Manfredo ficava. Uma noite, porém, calhou sairem juntos. Ainda nas escadas o Artur pegou-lhe de um braço. Depois, pelas ruas silenciosas, a passo miudinho, cortou na pele do urso com muita convicção e veemência. Que era um asno de marca, um «martelão»; que as boas notas as devia a «mpenhos e presunções de Lamego dados aos mestres pelo pai no fim dos períodos lectivos.

Por largo espaço ouviu Manfredo a arenga. Ouviu sem dar palavra. Compreendia que o Salma exagerava. Mas o temor de dar origem a um dos seus ataques de cólera e, mais que isso, a ideia da frieza com que o caluniado recebera o seu início de confissão, apagava n'ele todo o conceito de justiça.

Acabou por concordar. Timidamente a principio, certo de que praticava uma canalhice; logo cheio de fogo, sentindo uma voluptuosidade estranha como quem leva a cabo uma vingança. O outro espinoteava de gozo. Deixara-lhe o braço e dava-lhe palmadas nos ombros. Prometeu ser seu amigo e obrigou-o a aceitar um cigarro de onça, que éle próprio fez e molhou. Perto de casa o admirador de Dora estendeu a mão a despedir-se. O companheiro protestou. Ainda era cedo e tinha os pés gelados. Deviam dar uma volta. Realmente um grande frio trespassava a noite. E seus pés não estavam mais quentes que os d'ele. Foi-o seguindo.

Língua de mulher de soalheiro, a do Salma. Sempre a falar, a falar. Emquanto passeavam contou coisas dos professores, coisas porcas que o companheiro em absoluto desconhecia. «Puf, uma corja! E que corja!...»—afirmou, cuspidando para o lado. A' espalda d'ele, Manfredo tentava imaginar o que a mamã diria quando chegasse a casa.

Bateu a uma hora estavam numa praça. Não passava ninguém e a cidade parecia um cemitério. A figura da mãe continuava a dançar diante dos olhos de Manfredo. Via-a ora em altos gritos, com medo que lhe houvesse acontecido alguma desgraça, ora furiosa, capaz de o comer. A vontade d'ele seria ir ter com ela, sossega-la, pedir-lhe perdão daquela demora. Mas o Salma discorria sem descanso e tinha vergonha de o interromper. De repente, parando a uma esquina, éle pôs-se a encarar-lo muito sério. E, esfregando os dedos com violência, todo encolhido na sua capa negra, atirou:—Até há pouco éramos dois desconhecidos, podemos dizer. Condiscipulos, sim, mas desconhecidos. Agora somos dois amigos. Mais, dois irmãos. Achava, pois, que deviam cimentar aquela amizade com alguma coisa quente. Um caldo verde e um bife, por exemplo. Que dizia?

Disse que sim.

E dinheiro, tinha?

Tinha dinheiro. O pai dirigia uma fábrica e ganhava bem. Todas as semanas lhe dava um tanto—«férias», como éle dizia—que Manfredo guardava num mealheiro de folha azul representando uma prisação. O metal entrava por estreita chaminé e saía por portazinha que éle sempre tinha o cuidado de fechar a aloquete. A verdade, porém, é que só abria a porta do «cárcere» para contar e recontar seus haveres. Para mais nada. Tencinava ir nesse ano ao Algarve. Por isso afoferrilhava o mais que podia. Deve dizer-se entretanto que, ainda que esse fosse seu desejo, não saberia em que dispender aquelas centenas de escudos. Não fumava. Não frequentava cafés nem mulheres. O seu único vicio era coleccionar os selos inutilizados das cartas que mandavam à família. Mas esse não lhe entrava nos bolsos.

Ele tinha dinheiro. Somentemente não pertencia. Haviam-lho dado em casa para comprar uns sapatos. Pensara contudo que o pouco que gastasse o poderia repor com diminuto sacrificio para o seu pecúlio. E dessa forma agradava ao Salma e fazia boa figura.

Foram a um restaurante que éle desconhecia. Entraram pelas traseiras. Um criado de suissas ruivas cumprimentou Artur perguntando-lhe, ao mesmo tempo que os levava para compartimento onde mal cabiam, «o que havia de ser». O Salma pediu dois bifés, batatas fritas e ovos estrelados—para já. Pareceu muito a Manfredo. Com semelhante lista, tudo a correr por sua conta, que rombo não ia levar o mealheiro? Lembrou-se de dizer que os médicos lhe proibiam comer fora de horas. Ao menos reduzia a despesa a metade. Mas sentiu-se humilhado. De certo compreendiam logo a mentira. E não disse nada. A imagem da mamã voltava a occupá-lo inteiramente. Porque deixara conduzir-se pelo amigo, como se fosse um bórrego? Os soluços subiam-lhe à garganta. Não obstante pôs-se a rir, mostrando uma alegria que estava longe de conhecer.

O caldo verde veio no fim. Manfredo não o provou. Tinha bebido demais de um vinho trepador, muito grato ao paladar, e as luzes ballavam em seu redor. Sem saber porque o pensamento fugiu-lhe para a filha do senhor Pimenta. Uma tristeza cerrada apertou-lhe o coração. As lágrimas rebentavam-lhe. Ergueu-se e, mal seguro das pernas, abraçado ao Salma, tentou deixá-las correr livremente. Ele, porém, achou aquillo ridículo. E zangou-se, obrigando-o a sentar-se. Pediu mais vinho. Artur quis uma gingimha. Mas bebeu quatro. As

lágrimas não deixavam de cobrir as faces de Manfredo. Acabou por soluçar uns soluços inconsoláveis, deitado a todo o comprimento da mesa. Então, numa súbita ternura, o companheiro debruçou-se sobre éle, desejou saber o que tinha. E éle deu-lhe parte daquêlle amor que lhe roia no peito como um cancro.

Ao pôr pé em casa dealbava. A mãe recebeu-o nos braços nem que chegasse de longa viagem. Manfredo compreendeu logo que havia chorado. Que também havia chorado. Beijou-a a pespanear de sono e a arrotar. Mas por certo cheirava muito a vinho, porque os olhos dela, ainda molhados, incendiaram-se num repente, pondo-se a berrar: «Malandro! Passa as noites nas tabernas e nós aqui numa agonia. Numa agonia por um patife destes! Perdido! Rufião!».

O pai chegou neste momento. Andara atrás d'ele pelas esquadras da policia. Perguntou-lhe onde estivera. Disse que em casa dum condiscipulo que havia morrido à boquinha da noite. Pareceu acreditar e mandou-o para a cama.

//

Dias após o Salma chegou à sua beira e disse-lhe:—Sabes? conheço a tua pequena.

Não compreendeu imediatamente. A sua pequena! Que pequena? O outro pôs-se a rir. Julgou Manfredo que o estava a trocar e teve-lhe ódio. Afinal o amigo esclareceu-o. Referia-se a Dora. Haviam sido colegas em Bragança, no liceu, até o terceiro ano. Depois éle viera para o Porto e nunca mais a vira. Mas na véspera, ao ir procurá-lo a casa, reconheceu-a na pessoa da sua vizinha. Estava à janela, debruçada sobre uma almofada lilás (a almofada que éle tão bem conhecia!), olhando a rua. Ela, porém, não o identificara de pronto. Esteve hesitante uns segundos, como que a interrogar as suas reminiscências. Por fim lembrou-se. E lembrando-se baixara a cabeça, sorria, acabando por o convidar para subir. E éle subira e estiveram a reviver juntos um rol de coisas da época em que ambos paravam na cidadezinha transmontana. Estava mais alta, mais branca e mais bonita. Feliz do homem que a levasse.

Manfredo encontrava-se suspenso dos lábios de Artur. Ouvia-o e era como se ouvisse um conto de fadas. Chegou a crer-se flutuando num mundo longinquo, fabuloso e doce. Não obstante estava terrivelmente pálido.

O Salma falou com abundância. E éle a apetecer que falasse mais, que falasse sempre. Quando findou sentiu o que sentiria uma ave se em pleno vôo lhe cortassem as asas. No peito, todavia, ficara-lhe uma deliciosa sensação de ventura. Dir-se-lhe que, só pelo facto de assim se referirem a Dora, éle lhe ficava pertencendo de corpo e alma.

Tornou-se inseparável do amigo. A sua sombra. E nesses meses de camaradagem fraternal foi éle seu mestre, ainda que cneroso, em muito passo da vida. Levou-o às raparigas, industriou-o na calace e na mentira, fê-lo olhar com horror a sombra dos confessorários... E a amizade de Manfredo pelo Salma a crescer. Sobretudo nos momentos em que arrastava o nome de Dora para as conversas queria-lhe mais que a um irmão. No entanto, sempre que o sabia em casa dela, um clume voraz acendia-lhe lá por dentro uma fogueira. E enquanto o não tinha de novo a seu lado, vivia a detestá-lo.

Periodicamente, todos os sábados de tarde, continuava o pai a entregar-lhe a «féria». Mas agora éle não corria como dantes, num alvoroço, a enterrá-la no silêncio do seu cofre de folha azul. Desde que se pegara de affecto com o Salma não ameahava um vintém. Pelo contrário já uma vez ou duas fóra de coração aos pulos, como quem vai roubar, valer-se das economias que com tanto amor andara juntando. Que lhe havia de fazer! O amigalhaço chegava:—Estive hoje com a Dora. Palestrámos muito. Mostrou-me uns trabalhos de renda feitos pelas suas mãos. Formosos. Anda a ler a *Madame Bovary*, de Flaubert. Uma jóia de rapariga, a tua miuda.

A tua! Ficava atordoado com tanta felicidade a subir-lhe das profundezas. Esquecia a viagem, as amendoeirras em flor, o tumulto das estações com combóios a chegarem e combóios a partirem... tudo. Aquella palavra deixava-o vazio e cheio a um tempo. A tua! O Mundo era seu. Que viesse um rei com todas as suas riquezas, um santo com todas as suas perfeições—que viesse—e éle não trocaria essas vidas lumi-

nosas pela sua vida obscura. Não a trocaria por nada.

Era nestes instantes de febre que o dinheiro deixava de ter significação para si. Só, no quarto, depois, quando aquêlle delirio baixava, arrependia-se do que gastara. Mas nunca fóra tão feliz.

//

Pouco a pouco, como quem se vai despindo, deu Manfredo conta ao amigo dos seus mais intimos segredos. Dos seus e dos da família. Quando lhe disse que possuía um mealheiro que o pai semana a semana se ia encarregando de encher, já não tinha mais que lhe confiar.

Nesse dia o Salma falou menos que habitualmente. Parecia todo absorvido por um sonho interior. Nem fumar lhe apeteceu. Manfredo olhava-o com pena e receio. Se adoecesse quem lhe daria notícias de Dora? Aquêlle egoismo seco dou-lhe como um remorso. Mas a pergunta voltava. E se realmente adoecesse? Andaram assim um ao lado do outro, quasi sem darem palavra, até que as sombras caíram sobre a cidade. Um nevoeiro húmido subia do rio afundando as pessoas que passavam. Alguém se lhes abelrou a pedir uma esmola. A pedir numa voz de choro. Eles seguiram como se fossem surdos, sem voltarem a cabeça.

—Manfredo...

Estacaram os dois à borda do passeio. No meio da névoa as luzes pareciam auréolas de santo, fulgindo.

—...tenho vindo a magiar numa coisa...

E propôs-lhe o plano. Jogo certo, não tivesse dúvidas. Era só escrever a carta. Ele mesmo dava uma ajuda, sendo preciso. De qualquer modo esclarecia já que as mulheres amavam a retórica. Que perdiam a cabeça não pela profundidade ou beleza dos sentimentos, mas pelo estilo empregado ao descrever-lhos. Florisse pois de imagens as folhas de papel que achasse por bem. Importante é que aquilo ficasse como um jardim a rescender mil aromas. E Dora receberia a missiva amorosa de suas mãos, Artur Salma, como se recebesse um ramo de flores maravilhosas que outro andara a cultivar para si. E éle lá estaria com a sua amizade sã, para vencer as dificuldades que porventura viessem a surgir. Jogo certo, não tivesse dúvidas.

Nessa noite Manfredo não dormiu. A imaginação trabalhava-lhe como um motor acelerado. Dora estava ali, no seu leito, a falar-lhe. Ao certo não sabia o que lhe dizia. Falava numa voz mansa, muito doce. Uma voz que o embalava, inundando-o de paz. Fechava os olhos e não estavam mais no quarto. Andavam no campo, sob as árvores, vendo cisnes boiarem nas águas de um lago muito azul. Depois o lago, os cisnes e as árvores desapareciam e éle corria para um destino desconhecido numa campina toda verde, dentro de um combóio, com Dora sentada no mesmo banco. O Salma lá à janela a ver a paisagem. A's vezes voltava-se e sorria-lhes amigavelmente, como um pai cheio de complacências.

De manhã, amolecido da insónia e do voltar louco da fantasia, uma dúvida o assaltou. E se Dora se risse d'ele? Se as suas palavras fossem banais e a não convencessem? Leu o que tinha escrito e achou bem. Mas podia ela ter um coração de pedra, podia até tê-lo já dado a outro. Nesse caso que lhe restava? Pôs-se a pensar e só soube ler de novo a carta. Bela. Não havia dúvidas que estava bela. O pior é se... Mas então o Artur não valia nada? Grande amigo, o Artur. Como se não encontrava segundo. Entretanto éle podia muito bem... Tolices. O Salma lá arranjarla tudo.

E arranjou. Dois dias após (dois anos para Manfredo) chegou-se rente ao enamorado:

—Ai tens—e desandou de seguida.

Era a resposta. Meia dúzia de linhas apenas a dizer que a afeição d'ele, tão pura, encontrara eco em sua alma. Pela rua, Manfredo não via nada. Em seu seio, porém, ia uma festa, um deslumbramento. Um mendigo—possivelmente o da antevéspera—abordou-o. E éle deu-lhe todo o dinheiro que levava.

//

Carta para cá, carta para lá, Salma era infatigável. O amigo quis pô-lo ao corrente dos seus amores. Em que ponto iam os seus amores. Recusou-se ouvi-lo. Deu-lhe as cartas a

(continua na pág. treze)